



Práticas de leitura e autoria no texto eletrônico: uma análise do autor imersivo a partir do software de escrita colaborativa Dicionário Social¹

Wolseley Henrique de Menezes²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo: O artigo analisa as transformações históricas pelas quais passou a cultura escrita, iniciando no manuscrito, passando ao livro impresso e por fim ao eletrônico. A partir de tal evolução, apresenta-se as mudanças nas práticas de leitura, delineando três tipos de leitores: contemplativos, moventes e imersivos. Discute-se então a evolução da função autor, defendendo existir um novo tipo de autor, o imersivo, característico do texto eletrônico e das potencialidades da hipermídia. Por fim, é apresentado o Dicionário Social, ambiente de escrita colaborativa de links multidirecionais que ilustra o conceito de autor imersivo.

Palavras-chave: hipertexto; escrita coletiva; leitor imersivo; autor imersivo

As transformações pelas quais tem passado a cultura escrita têm gerado extensa produção bibliográfica (HESSE, 1996; LANDOW, 1997), bem como as conseqüentes metamorfoses sofridas pelas práticas de leitura (SANTAELLA, 2004, CHARTIER, 1999). Importantes estudos sobre a digitalização do texto, a passagem do códex à tela (CHARTIER, 1998) e do papel ao pixel (FURTADO, 2006) podem ser encontrados, porém existe uma questão – de essencial importância para os estudos da cibercultura – que tem passado quase despercebida pelos escritos referentes às transformações tecnológicas: a evolução da função autor.

Como parte de um projeto de pesquisa intitulado “Hipertexto Cooperativo: um estudo da escrita coletiva na web”, o presente trabalho analisará as evoluções pelas quais passou a cultura escrita, desde o texto manuscrito, passando ao livro impresso e por fim ao eletrônico. Será defendido que, em conseqüência de tais transformações, não foram apenas as práticas de leitura que passaram por transformações, mas também os conceitos de autor/autoria. Será proposta uma ampliação do conceito de “leitor imersivo” – apresentado por Santaella (2004) para denominar o leitor que tem na multimídia o seu suporte e na hipermídia sua linguagem – gerando a idéia de “autor imersivo”, que caracterizaria as novas formas de autoria nos ambientes de navegação hipertextual e autoria coletiva. Toda essa revisão histórica levará à apresentação do

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Aluno do Curso de Publicidade e Propaganda / UFRGS e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. E-mail: whenrique87@gmail.com



Dicionário Social, um sistema de escrita coletiva de hipertextos que ilustra a concretização da figura do autor imersivo.

Continuidades e rupturas: o manuscrito, o impresso e o eletrônico

Buscando situar os ambientes de autoria coletiva como partes de uma evolução das formas de escrita, este artigo utilizará a cronologia proposta por Chartier (1999; 1998) para delinear três períodos da cultura escrita: manuscrito, impresso e eletrônico. Segundo o autor, a primeira fase caracteriza-se pela reprodução dos textos de forma manual por escribas, tornando excessivos os custos de produção e o tempo de trabalho necessário para a cópia de cada livro e, em consequência, o restrito número de exemplares. Tal período estende-se até meados da década de 1450, quando Gutenberg desenvolve a impressão baseada em tipos móveis e reutilizáveis, criando elementos essenciais a este modo de impressão, dentre eles: prismas de metal para moldar as faces das letras, uma prensa que combinava características daquelas utilizadas para na fabricação de vinho e na encadernação, e uma tinta de base oleosa (MANGUEL, 1997).

A segunda era da cultura escrita, a do texto impresso, é vista, muitas vezes, como uma ruptura na forma como era organizada a cultura do manuscrito, porém ela guarda mais continuidades que oposições, como afirma Chartier:

um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão de cadernos. [...] A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isso existe desde a época do manuscrito. (1999, p.7-8).

Ao descrever a genealogia do sistema literário moderno, Hesse adiciona, em concordância com Chartier, que “o códex tornou-se a forma dominante de preservação e transmissão da palavra escrita no Ocidente quase um milênio antes do advento da imprensa ou da emergência da noção de um autor individual como fonte de idéias”³ (1996, p.22). Além disso, seria um equívoco esquecer que, apesar da crescente popularização da imprensa como meio de reprodução de textos em massa, o manuscrito permaneceu presente em diversos tipos de publicações, como “correspondências de foro

³ Tradução do autor para: “the codex book became the dominant form for preserving and transmitting the written word in the West almost a millennium before the advent of movable type or the emergence of the notion of the individual author as a source of ideas”.

privado, práticas literárias aristocráticas [...], ou das necessidades de comunidades específicas: designadas como heréticas [...], irmandades como a maçonaria, etc” (CHARTIER 1998, p.106).

A respeito do terceiro momento da cultura escrita, o do texto eletrônico, Furtado (2006) atribui sua origem à elaboração do conceito de Dynabook, por Alan Kay em 1968, apesar de tal idéia permanecer apenas no campo conceitual até 1989 quando a Toshiba inicia a comercialização de um mecanismo semelhante ao laptop. O Toshiba Dynabook como suporte para o texto eletrônico não se popularizou devido ao preço elevado e ao seu tamanho excessivo, ultrapassando aquilo que se esperava de um *pocket*. Dessa forma, segundo Furtado, a popularização do formato digital da escrita esteve intimamente ligada ao surgimento da World Wide Web na década de 1990, que ampliou as utilidades da rede, antes restritas às correspondências eletrônicas e à transferência de arquivos. Foi com a Web que passou a ser possível a apresentação de imagens e gráficos, uma vez que a Internet resumia-se, até o momento, em documento em mídias alfabéticas.

A busca de uma conceitualização do texto eletrônico encontra força nos estudos de Landow que, buscando esclarecer as individualidades deste terceiro período da cultura escrita, aponta que o hipertexto, linguagem-base do texto digitalizado,

sempre existe na forma de textos virtuais, ao invés de físicos. Antes da computação digital, toda escrita consistia em fazer marcas físicas em superfícies físicas. Palavras e imagens digitais, ao contrário, tomam a forma de códigos semióticos, e esse fato fundamental sobre elas leva à definição das qualidades da tecnologia digital: virtualidade, fluidez, adaptabilidade, abertura (ausência de bordas), processabilidade, duplicabilidade infinita, rápida portabilidade e, finalmente, possibilidade de encadeamento.⁴ (LANDOW, 1997, p.174)

O texto é virtual, pois em sua composição é abandonado a papel e a tinta, sendo substituídos por códigos binários, interpretados e projetados a partir da tela do computador; é fluído e adaptável pois seu armazenamento através de códigos possibilita a livre edição, manipulação e reorganização de forma rápida e prática – algo impensável no suporte impresso. A possibilidade de manipulação contínua do texto torna-o aberto e inacabado – ou até inacabável –; tais características, assim como a livre duplicabilidade

⁴ Tradução do autor para: “always exist as virtual, rather than physical, texts. Until digital computing, all writing consisted of making physical marks on physical surfaces. Digital words and images, in contrast, take the form of semiotic codes, and this fundamental fact about them leads to the defining qualities of digital technology: virtuality, fluidity, adaptability, openness (or borderlessness), processability, infinite duplicability, rapid portability, and finally, networkability.”



e portabilidade, devem-se à citada codificação binária, linguagem-base dos sistemas informáticos. O suporte eletrônico permite, também, a conexão entre diferentes textos ou trechos que se encontram em sítios distintos, criando trilhas associativas entre os mesmos – em outras palavras, permite a hipertextualidade.

A evolução das práticas de leitura e dos tipos de leitores

Num cenário de popularização da escrita virtual, Furtado ressalta que as publicações que exploram as potencialidades do texto eletrônico

questionam algumas noções atribuíveis aos textos da cultura do impresso, como a sua fixidez, linearidade, seqüencialidade, autoridade ou finitude, provocando transformações nas clássicas definições de autor, leitor e suas relações mútuas, bem como dando lugar a novas formas de ler e de escrever. (2006, p.30)

Assim, a idéia de Furtado lança a premissa de que a evolução dos suportes materiais da cultura escrita afeta as práticas de leitura e autoria. As relações dos leitores com as obras portadoras do saber teriam evoluído, acompanhando as necessidades cognitivas demandadas a esse leitor pelos meios e conteúdos aos quais ele estava exposto. Seguindo a pressuposição de Furtado, é possível realizar uma aproximação com a taxonomia proposta por Santaella (2004) para os modelos cognitivos dos diferentes tipos de leitores. Para a autora, as evoluções da escrita transformaram as habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas desenvolvidas para a apropriação dos materiais escritos, dando origem a três tipos de leitores: o **leitor contemplativo**, o **movente**, e o **imersivo**.

Para Santaella, o leitor *contemplativo* ou meditativo nasce no Renascimento e perdura até meados do século XIX, sendo caracterizado como o leitor da era do livro e da imagem expositiva, fixa. À primeira vista, o período de surgimento no qual a autora situa esse leitor poderia parecer equivocado, afinal, como defendido no início deste artigo, a invenção da imprensa com tipos móveis pouco modificou a estrutura do livro manuscrito. Com isso, se a organização do livro manteve-se com índices, ordem alfabética, suporte do códex, etc, seria mais coerente considerar que a prática de leitura considerada como contemplativa possui sua origem alguns séculos antes do que Santaella defende. Este raciocínio é em parte correto, mas a pesquisadora delimita a prática contemplativa como aquela

individual, solitária, de foro privado, silenciosa, leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente; leitura laicizada em que as ocasiões de ler foram cada vez mais se emancipando das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares (SANTAELLA, 2004, p.23).

Desse modo, fenômenos que precederam o Renascimento são determinantes para a configuração de um leitor meditativo, como a instauração obrigatória do silêncio em bibliotecas ainda na Idade Média; a formação de uma classe burguesa e a instrução de leigos a partir do século XII, aliada à popularização da produção e difusão do livro – antes restritas aos estabelecimentos eclesiásticos. Diante desse cenário, configura-se um leitor em íntima relação com o objeto-livro, um leitor que manuseia a obra, em retiro voluntário, geralmente em bibliotecas ou espaços privados: a leitura é um ritual de contemplação e ruminação, de imaginação por um leitor solitário e concentrado (SANTAELLA, 2004).

O segundo tipo de leitor, o movente ou fragmentado, surge com a Modernidade, permeado pela realidade da velocidade, simultaneidade, do surgimento das grandes cidades e do desenvolvimento dos meios de comunicação que trouxeram agilidade à difusão das informações. Para Santaella, este leitor aparece com o advento dos jornais, que demandam novas capacidades cognitivas de leitura e interpretação de novas linguagens híbridas (fotografias, textos, etc). Diferenciando-se do leitor contemplativo, o leitor fragmentado apresenta um novo tipo de atenção, adaptado às informações passageiras e em ritmo acelerado; é um “leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta de tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade” (SANTAELLA, 2004, p.29)

Por fim, o leitor imersivo, de maior importância para esse trabalho, é o leitor característico da era digital, que tem como suporte a multimídia e que navega pelas infovias através da hipermídia (SANTAELLA, 2004), situando-se na terceira fase da cultura escrita, a do texto eletrônico, apresentada por Chartier nos parágrafos anteriores. Através da estrutura de conexão entre os links, esse leitor percorre a teia do hipertexto movendo-se através dos nós da rede, a partir de um “roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc.” (SANTAELLA, 2004, p.33).

De fato, a construção dos roteiros durante a navegação mencionada por Santaella pode ser considerada como uma das principais transformações trazidas pelo hipertexto,



encarado como linguagem de potencial interativo, que permite ao usuários a escolha de seus caminhos e destinos. Exemplo disso é a visão de Landow (1997), que atribui ao hipertexto o borramento das fronteiras entre o leitor e o autor, já que

os links eletrônicos alteram as fronteiras entre um texto e outro assim como entre o autor e o leitor e entre o professor e o aluno. Links ainda têm efeitos radicais nas nossas noções de autor, texto e trabalho, redefinindo-as. [...] Essa tecnologia – a do livro impresso e os elementos a ele relacionados, que incluem a página impressa – engendra certas noções de propriedade autoral, de unicidade autoral e de texto isolado fisicamente que o hipertexto torna indefensável.⁵ (LANDOW, 1997, p.31).

Rompendo as dinâmicas da página impressa e das relações de propriedade autoral, o texto eletrônico afeta de forma decisiva as noções de obra e de leitura, reconfigurando os cenários que haviam se consolidado desde o invento de Gutenberg. Se existe um estreitamento entre a figura do leitor e do autor, devemos partir, neste momento, para o terceiro elemento da análise que este artigo propõe: as transformações da função autor desencadeadas pelo texto eletrônico.

A evolução da função autor e o conceito de autor imersivo

Nas primeiras sessões deste trabalho foram analisadas as transformações da cultura escrita e das práticas de leitura ao longo da história, que dão origem, por sua vez, a mudanças nas funções e definições da figura do autor. De fato, uma periodização da origem do autor como o conhecemos hoje se faz necessária, porém existem discordâncias entre pesquisadores sobre a localização exata da adoção do conceito: para Barthes (2004), o autor é um personagem moderno, criado no fim da Idade Média em um cenário de ascensão do empirismo inglês, do racionalismo francês, além das transformações na forma de encarar o indivíduo trazidas pela Reforma. Com esses eventos, a sociedade teria descoberto o potencial do individual, antes visto como parte de uma massa homogênea; é a atribuição de prestígio à “pessoa humana”. Chartier (1999) também situa o nascimento da figura do autor no final da Idade Média, período no qual a autoridade é determinada pela fixação através da cópia manuscrita e, mais

⁵ Tradução do autor para: Electronic linking shifts the boundaries between one text and another as well as between the author and the reader and between the teacher and the student. It also has radical effects upon our experience of author, text, and work, redefining each. [...] This technology – that of the printed book and its close relations, which include the typed or printed page – engenders certain notions of authorial property, authorial uniqueness, and a physically isolated text that hypertext makes untenable”.



tarde, impressa; a legitimação é constituída a partir da atribuição de um autor à existência física do livro.

Foucault (1992), no famoso ensaio “O que é um autor?”, apresenta outra visão sobre a genealogia da função autor, defendendo que a atribuição de um autor às obras iniciou por motivos coercitivos: em face a discursos transgressores no final do século XVIII e início do XIX, surge a necessidade de punição àqueles que difundiam idéias consideradas ilícitas ou profanas. Assim, passou a ser necessária a atribuição de autoria a uma figura concreta e pontual, em oposição à prática comum até o momento de atribuição autoral a personagens míticos ou entes sacralizados.

A grande contribuição de Foucault à questão da autoria seria o delineamento da “função autor”, caracterizada por sua noção de apropriação ao considerar o escritor “dono” do discurso, assim como de um produto, tendo direitos estritos sobre a sua obra (controle de reprodução, direitos autorais, etc.). O filósofo ainda defende que a função autor não se exerce de forma universal a todos os discursos, como no exemplo das verdades do senso comum, que são postas em circulação sem que seja demandada atribuição autoral para dar veracidade ao conhecimento. No extremo oposto, os textos literários pedem uma identificação autoral, sendo a obra compreendida dentro do contexto geral dos escritos do autor.

Apesar de não encontrar-se datado historicamente e desatualizado, será que as características pontuadas pelo texto de Foucault continuam aplicáveis ao autor que tem como suporte o texto eletrônico? A produção estática do texto, separada temporal, histórica e geograficamente da recepção que caracterizava a autoria nas formas do manuscrito e do impresso é hoje transformada em uma produção quase simultânea da escrita e da leitura (ou, no mínimo, pela sua possibilidade). Nesse contexto de novas características da função autor, Landow defende que em ambientes hipermidiáticos a autoria se torna duplamente colaborativa:

o primeiro elemento da colaboração aparece quando se compara as funções de escritor e leitor, já que o leitor ativo necessariamente colabora com o autor ao produzir um texto a partir das escolhas que faz. O segundo aspecto da colaboração aparece quando se compara o escritor com os outros escritores – isto é, o autor que está escrevendo agora com a presença virtual de todos os escritores que escreveram em outro momento “dentro do sistema”, mas cujos escritos ainda estão presentes.⁶ (LANDOW, 1997, p.104)

⁶ Tradução do autor para: “The first element of collaboration appears when one compares the roles of writer and reader, since the active reader necessarily collaborates with the author in producing a text by the choices she makes. The second aspect of collaboration appears when one compares the writer with other writers – that is, the author who



Landow apresenta duas formas que considera representativas da autoria da web: a primeira, consistiria na navegação pelo hipertexto, seguindo trilhas associativas que caracterizariam uma postura de “escrever lendo” através das escolhas feitas pelo usuário; e a segunda, que constitui a autoria coletiva, é potencializada por tecnologias como os *wiki*, além dos novos desenvolvimentos da Web 2.0. Partindo destes dois argumentos que descreveriam os espaços de autoria no texto eletrônico, será delineado, de agora em diante, o conceito de autor imersivo.

Em concordância com a primeira forma de autoria mencionada por Landow, Leão considera que, na navegação no ciberespaço, “todo leitor é também um pouco escritor, pois, ao navegar pelo sistema, vai estabelecendo elos e delineando um tipo de leitura” (1999, p.46). A posição da autora de considerar a hipermídia como linguagem fortemente interativa encontra fundamento material nos sistemas informáticos, nos CD-ROMs e na Web, já que “no caso específico da hipermídia, podemos pontuar que a obra em si só se torna obra no momento em que ela é fruída pelo leitor. Enfim, a leitura é elemento constitutivo na realização do trabalho” (LEÃO, 1999, p.34). A partir dessa nova forma de fruição do texto, o usuário não estaria mais preso às páginas de um livro seguindo a ordem determinada pelo autor, uma vez que, com o sistema de links, a autoria seria concedida ao leitor, que escolheria os caminhos a seguir, construindo um texto pessoal, único e determinado por seus critérios de interesse. Na aproximação com Santaella, o autor imersivo seria aquele que não apenas com intenção de ler, mas também de “escrever” seus caminhos - e, conseqüentemente, um texto individual - navega pelas infovias, transitando entre as lexias através das conexões. Embora sem utilizar o conceito específico de autor imersivo, Chartier ressalta que “o autor pode agora [com os livros eletrônicos] desenvolver a sua argumentação segundo uma lógica que já não é necessariamente linear e dedutiva mas aberta, estilhaçada e relacional” (CHARTIER apud FURTADO, 2006, p.162). Assim, através de opções por leituras relacionais, esse novo autor escreve o texto a partir da multilinearidade do hipertexto: está imerso no ciberespaço, navegando pelos textos e construindo uma unidade de raciocínio - evanescente, é verdade - da qual ele é autor.

is writing now with the virtual presence of all writers ‘on the sistem’ who wrote at another moment but whose writings are still present”.



O autor imersivo corromperia o conceito clássico de autor para Foucault, já que a apropriação do texto eletrônico não se dá de forma concreta, em obras palpáveis como o livro; o resultado da escrita são conexões temporárias, construídas na mente do autor imersivo no momento da apropriação. É uma espécie de pilhagem, na qual este autor cria uma colagem de trechos encontrados ao longo das associações, relacionando unidades informacionais em um texto próprio.

A visão Landow e Leão, que consideram as trilhas do hipertexto como forma de autoria, já foi debatida e questionada por autores como Primo e Recuero (2004), que consideram restrita a atribuição de caráter autoral ao interagente que navega no hipertexto. Apesar da idéia virtual de que o leitor é, ao mesmo tempo, autor de seu texto a partir dos cliques em links e conexões entre lexias, tal potencialidade é vista como simples reação a comandos pré-programados. A crítica dos pesquisadores se fundamenta no fato de que os links são predeterminados por aqueles que tiveram acesso ao código HTML que gera a página, ou seja, os programadores ou “donos” dos sítios; tal realidade vai de encontro às definições da web como espaço interativo e colaborativo, aberto para a real autoria e participação dos usuários.

De fato, considerar a navegação pelo hipertexto como forma de autoria é passível de críticas e discordâncias. Landow, ao atribuir à hipermídia tal potencial autoral, encontrava-se num cenário de desenvolvimento ainda precoce dos sistemas informáticos, na segunda metade da década de 1990, explicando talvez sua posição otimista com as novas possibilidades que se apresentavam para as aplicações do texto eletrônico. Apesar da condição de “escrever enquanto se lê” ser, de certa forma, questionável, não podemos negar que sua dinâmica inovou as práticas de leitura e autoria tradicionais, tornando tênues as fronteiras da produção textual, caracterizando um autor imersivo em estágio inicial, imaturo e ainda não plenamente ativo. Assim, defende-se que o autor imersivo chega a um estágio mais característico de sua existência a partir de novas potencialidades da Web como a escrita coletiva, a segunda forma de autoria destacada por Landow nos parágrafos precedentes.

A escrita colaborativa como forma de autoria imersiva

Se a primeira geração da Web era, para Primo e Recuero (2004), um ambiente que restringia o acesso do usuário comum à edição das páginas, o desenvolvimento de programas que possibilitam a escrita coletiva de hipertextos tem trazido maior poder de



interação e construção efetiva no ciberespaço: sistemas *wiki* como a Wikipédia, Blogs, Fotolog, You Tube, Flickr, são exemplos de páginas colaborativas, ou seja, sítios nos quais os usuários podem livremente ser co-autores, criando e editando os conteúdos.

Devido à necessidade de uma conceitualização da escrita coletiva, Lowry, Curtis e Lowry (2004) propõem uma taxonomia que considera tal forma de escrita uma ampliação daquela realizada de forma individual, a partir do envolvimento de múltiplas pessoas trabalhando em uma mesma tarefa, transformando a escrita coletiva em prática social que demanda da dinâmica autoral atenção para questões como: comunicação, negociação, coordenação, monitoramento, sociabilidade, consenso. Apesar de não ser uma prática necessariamente vinculada ao texto eletrônico, esse último oferece potencialidades para a colaboração, dentre as quais a já citada facilidade de manipulação contínua do texto.

Para Elia (2006), completando os apontamentos de Lowry, Curtis e Lowry, a escrita típica do sistema impresso cria uma lacuna entre o leitor e o autor, que desaparece nos sistemas colaborativos eletrônicos, já que nesses casos ambos atores assumem papéis cambiáveis em uma produção aberta do texto. Para a pesquisadora, os sistemas de autoria compartilhada são caracterizados pela criação de documentos não-estáticos, já que são constantemente revisados e editados num processo de escrita grupal. Nestes sistemas, o conhecimento ganha a forma de uma rede de associações, contextualizado a partir das conexões adicionadas pelos participantes do grupo.

Ao conceder real possibilidade de autoria na web, a escrita coletiva potencializa a figura do autor imersivo, não mais restrito a seguir os caminhos programados por outrem. O autor imersivo pode agora criar e deixar registrados os seus escritos, desenvolvendo “processos sensórios, perceptivos, estados de alerta, de reconhecimento e identificação, habilidades discriminativas e seletivas, processos decisórios, memória e aprendizagem, controle motor, ttilidade e, sobretudo, processos de raciocínio” (SANTAELLA, 2004, p.87). As habilidades demandadas pela hipertextualidade são postas em prática no momento em que o autor pode fixar no suporte eletrônico suas conexões mentais pessoais, adicionando links, por exemplo, para textos lido anteriormente ou assuntos adjacentes.

Para Landow (1997), os links que formam o hipertexto aceleram os processos clássicos de realização e conexões, transformação radical que permite o acesso a informações diversas através de um simples clique no mouse. O autor está imerso no ciberespaço escrevendo, editando e criando novas conexões, seja com uma imagem,



com um texto ou com um arquivo de áudio. Como linguagem base do autor imersivo, a hipertextualidade supera a oposição entre o texto principal e as anotações que caracterizavam o livro impresso. Se o autor da antiguidade podia tomar notas nas margens dos livros, tal notação ficava restrita ao exemplar em mãos. Hoje, o autor que produz em ambientes colaborativos pode escrever no corpo da página, editando o texto principal e, após, deixá-lo disponível para o próximo internauta, que por sua vez também tem a possibilidade de editar o que já foi escrito anteriormente.

Diferente do autor clássico, a criação do autor imersivo está em sincronia com a possibilidade de leitura de sua obra, já que ao editar e salvar uma página, essa já está disponível aos leitores. Seguindo esse raciocínio, Elia (2006, p.17) lembra que no suporte impresso o autor é considerado como a figura suprema que transmite sua mensagem a leitores passivos; em contrapartida,

o espaço de escrita eletrônico, sendo hipertextual e extremamente flexível, altera o cenário. Os escritores podem criar múltiplas estruturas a partir dos mesmos tópicos (hierarquia, rede, espiral, etc.) e os leitores podem entrar, observar e sair do texto em muitos pontos. No hipertexto, o autor cria diferentes trilhas para o leitor, embora não exista nem uma trilha canônica nem uma ordem de páginas a seguir⁷.

Foucault (1992) ressalta que a função autor não é a atribuição de uma voz a um material inerte, mas sim uma construção relacional, na qual o texto continuamente remete a um “eu” entendido como o autor. O filósofo ainda adiciona que os discursos providos da função autor comportam uma pluralidade de “eus”, uma vez que a figura do escritor é resultado de uma operação complexa que constrói um ser racional a que chamamos autor, podendo ocupar posições distintas: a fala do personagem, o narrador, a voz própria do autor, etc. No caso do autor imersivo, diferentemente da dinâmica autoral clássica, a autoria não necessariamente é atribuída ao indivíduo, mas muitas vezes ao coletivo que participou da construção do texto. Quem é o autor de um verbete na Wikipédia? É uma escrita cooperada, fragmentada entre todos que de alguma forma participaram da redação. O texto final não reenvia a um autor específico, mas a todos que editaram ou criaram conexões.

⁷ Tradução do autor para: “The electronic writing space, being hypertextual and extremely flexible, changes the landscape. Writers can create multiple structures from the same topics (hierarchy, web, spiral, etc.) and readers can enter, browse and leave text at many points. In the hypertext, the author creates different paths for the reader, although there is neither a canonical path nor a defined page order to follow”.

Diante do exposto, defende-se que a potencialização da autoria imersiva baseia-se no que vem sendo chamado de Web 2.0, termo que definiria a metamorfose de uma rede estática a uma onde a participação ganha espaço, como aponta Primo (2006, p.1): “A Web 2.0 é a segunda geração de serviços on-line e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”. Nesta segunda fase da rede, a real participação do usuário é um elemento que constrói interações efetivas, na qual ambos agentes do processo atuam de forma essencial à edificação do ambiente onde o sistema está inserido.

O’Reilly (2005), criador do termo web 2.0, acredita na cooperação como princípio-base dessa nova fase da rede, considerando os internautas como co-autores. O’Reilly aponta o processo de cooperação como elemento-chave da evolução da rede: “Coopere, não controle – As utilidades da web 2.0 são constituídas por uma rede de serviços de dados cooperativos. Logo, ofereça serviços na Web e atualização de conteúdo, e reutilize os serviços de dados de outros”⁸ (2005). O autoria imersiva seria determinante nesta nova visão da rede, considerada um sistema aberto, alimentado pelo usuários que navegam pelas infovias e alteram suas estruturas, ampliando a rede a partir de sua participação.

Resumindo, compreende-se neste artigo que o autor imersivo é aquele que cria reais conexões entre seus escritos e as demais informações disponíveis na web, relacionando através da teia hipertextual informações relevantes presentes em outros sítios. É o autor que desenvolve sua argumentação segundo uma lógica que já não é necessariamente linear e dedutiva mas aberta, estilizada e relacional (CHARTIER *apud* FURTADO, 2006). Sua obra resulta em um texto que exige imersão por parte do leitor, já que esse potencializa o texto do primeiro ao navegar pelos caminhos indicados. Como propõe Landow, existe uma aproximação entre as capacidades do autor e do leitor no texto eletrônico, porém ambos são distintos de suas definições clássicas: o autor é imersivo pois ao escrever – sozinho ou coletivamente – pode realizar conexões efetivas com os estímulos externos a que está exposto no ciberespaço, criando links para outros textos, imagens, vídeos, etc. Mesmo com a redação pessoal, o autor imersivo nunca escreve sozinho, posto que é um editor, como afirma Landow: “o hipertexto não possui autores no sentido convencional. [...] O hipertexto, como um meio de escrita,

⁸ Tradução do autor: “**Cooperate, Don't Control** - Web 2.0 applications are built of a network of cooperating data services. Therefore: Offer web services interfaces and content syndication, and re-use the data services of others”.



metamorfoseia o autor em um editor ou desenvolvedor. A hipermídia, assim como o cinema, o vídeo ou a ópera, é uma produção grupal”.⁹ (1997, p.114).

Imersivo é o autor que navega pelas infovias e além de construir seus caminhos, “escrevendo enquanto lê”, também deixa suas marcas autorais. É o autor que colabora com a redação dos verbetes na Wikipédia, que deixa comentários em Blogs e que participa de fóruns de discussão, por exemplo. Nesse ponto, para exemplificar a análise dessa nova função autor, será apresentado o Dicionário Social, aplicando as definições até aqui relatadas a tal ambiente colaborativo.

Ilustrando o autor imersivo a partir do Dicionário Social

O Dicionário Social¹⁰ é um repositório de termos relacionados ao campo da Comunicação, sendo os verbetes escritos colaborativamente pelos interagentes que participam do sistema. Porém, o Dicionário Social diferencia-se dos demais ambientes de autoria coletiva por utilizar a tecnologia Co-link¹¹ de escrita de links multidirecionais, que caracteriza-se pela possibilidade de inserção de múltiplos destinos a um mesmo link. A tecnologia Co-link foi concebida por Alex Primo em 2003, buscando dar um passo rumo à evolução dos links tradicionais, que permitem ao usuário apenas clicar e ser automaticamente dirigido a outra página, ou seja, através da relação estímulo-resposta, um link levando a apenas um destino.

Os co-links (abreviação de *collaborative links*) representam a possibilidade de links um-muitos, de forma que um link pode apontar para inúmeros destinos. No sistema, quando clica-se em um link, abre-se uma janela de menu listando as diversas possibilidades de caminhos a seguir, permitindo que o leitor escolha suas leituras e não apenas siga passivamente as trilhas pré-programadas. Além disso, os múltiplos destinos foram adicionados pelos próprios interagentes, de forma colaborativa, registrando as conexões que cada um dos autores desejou adicionar ao texto. Potencializando a autoria imersiva, o Dicionário Social não apenas dá aos co-autores o poder de criação e edição dos textos das páginas, mas também a possibilidade de criar e editar os co-links, realizando novas associações com distintas páginas ou arquivos da Web. O autor imersivo pode, agora, registrar seu trajeto pelas infovias, compartilhando com o grupo

⁹ Tradução do autor para: “hypertext has no authors in the conventional sense. [...] hypertext as a writing medium metamorphoses the author into an editor or developer. Hypermedia, like cinema and video or opera, is a team production”

¹⁰ É possível acessar o Dicionário Social e testar suas funcionalidades básicas partir do seguinte endereço: <http://www.ufrgs.br/co-link/dicionariosocial>

¹¹ A página do Projeto Co-link pode ser acessada pelo seguinte endereço: <http://www.co-link.org>

suas associações particulares. Se o autor clássico anotava seus pensamentos nas margens dos livros, o autor imersivo cria conexões efetivas, que permanecem disponíveis para os outros internautas.

É possível uma aproximação com a indagação de Barthes (2004, p.26) em relação à leitura associativa: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de idéias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?”. Usufruído das potencialidades da escrita colaborativa e dos links multidirecionais, o autor imersivo pode materializar essas “idéias, excitações e associações”, criando o hipertexto a partir de associações que fez entre o texto em questão com leituras anteriores, compartilhando com o grupo de cooperação seus apontamentos. No Dicionário Social, o autor imersivo “lê levantando a cabeça”, afinal navega pela teia hipertextual expandindo seus conhecimentos e deixando disponível seu trajeto para todos aqueles que desejarem segui-lo e, em consequência, ampliá-lo.

Diferenciando-se da dinâmica clássica de autoria de uma enciclopédia, na qual os verbetes são redigidos por especialistas nos assuntos, o Dicionário Social é aberto às contribuições de múltiplos co-autores. A autoria é compartilhada e exige do autor imersivo uma postura de prontidão para a leitura e escrita dos verbetes, realizando conexões efetivas entre verbetes e páginas externas, ajudando a construir o conteúdo através de suas interações com a multimídia.

Chartier (1999, p.16-17) lembra que, com o texto eletrônico, observamos um abalo na separação entre tarefas e profissionais, já que

os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro estavam então claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras.

Assim, o autor imersivo diferencia-se do autor clássico pois escreve e publica na Web em tempo real, compartilha com um grupo potencialmente infinito seus conhecimentos, acumulando papéis e estreitando as funções antes distribuídas entre indivíduos distintos.

Como fruto de um processo que iniciou na era de predomínio absoluto do texto manuscrito, o texto eletrônico engendra novas capacidades cognitivas: a leitura passa a ser imersiva, fluída nas conexões da hipermídia e multilinear, acompanhando as associações entre lexias permitidas pelos links. A função autor também reflete as



metamorfoses da digitalização do texto, criando um autor imersivo que lê, escreve, edita e realiza conexões, registrando suas contribuições e compartilhando informações com públicos inúmeras vezes mais amplos se comparados com aqueles das anotações do autor clássico. O presente artigo buscou apresentar essa prática de autoria guiada e baseada pela pluralidade de formas de apresentação do texto digital, sendo apenas um estudo introdutório, uma vez que o tema ainda merece novas investigações, mais aprofundadas, devido à atualidade da figura do autor imersivo.

Referências

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa oficial do Estado, 1999.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 1998.

ELIA, Antonella. **An analysis of Wikipedia digital writing**. In: 11 th Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/writing.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2007.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagem, 1992.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel**. do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

HESSE, Carla. **Books in time** in NUNBERG, Geoffrey. **The Future of the book**. University of California Press, 1996.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LOWRY, Paul; CURTIS, Aaron; Lowry, Michelle. **Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice**. In: Journal of Business Communication, Volume 41, Number 1, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel. Co-Links: Um proposta de criação de links multilineares. In: COMPÓS 2004, 2004, São Bernardo do Campo. Compós 2004, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.